SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO - PROGRAD
DIRETORIA DE PROCESSOS SELETIVOS – DIRPS
VESTIBULAR 2025-2

LITERATURA

GABARITO OFICIAL PRELIMINAR

QUESTÃO 1

A) (16 PONTOS)

O(A) candidato(a) elabora resposta completa ao retomar os três comandos exigidos na questão: primeiro, explica com profundidade e precisão duas imagens poéticas presentes, no poema “25 de Abril”, de Sophia de Mello Breyner Andresen; segundo, por meio de aspas, as expressões do poema - frisa-se que o(a) candidato(a) não pode apenas copiar dois versos sem apresentar análise crítica; terceiro, relaciona as imagens poéticas esmiuçadas ao contexto histórico português.

Sustentar argumentos com profundidade e precisão significa referenciar nomes de figuras históricas, como António de Oliveira Salazar; de acontecimentos históricos, em especial, a Revolução dos Cravos; por fim, o contexto histórico ditatorial e colonialista de Portugal enquanto metrópole que dominava territórios no continente africano. A construção textual destaca-se pela coesão e coerência, elementos que reforçam a qualidade da redação, bem como ortografia clara.

De forma geral, o(a) candidato(a) deve mostrar que compreendeu que o poema “25 de Abril” não é apenas uma celebração da liberdade política, mas também um convite à reflexão sobre o processo de reconstrução social e cultural que Portugal enfrentou após décadas de autoritarismo. A Revolução dos Cravos, ocorrida em 25 de abril de 1974, representou a derrubada do Estado Novo, regime liderado por António de Oliveira Salazar e seu sucessor Marcelo Caetano, que impôs uma ditadura rígida e censura severa sobre a população. A partir desse momento, o país iniciou um processo de democratização que impactou profundamente não só a política interna, mas também as relações com as colônias ultramarinas.

Desse modo, o poema "25 de Abril" apresenta uma celebração lírica e simbólica da Revolução dos Cravos, visto que o título do poema menciona diretamente a data, quando as tropas começaram a ocupar pontos estratégicos, resultando na queda do regime totalitário. Nesse sentido, as imagens poéticas construídas retomam sentimentos esperançosos, concomitantemente vinculados às colônias africanas, por meio da volta da democracia em Portugal.

Quanto às imagens:

"Esta é a madrugada que eu esperava"

A "madrugada" simboliza o momento de ruptura com a opressão do regime salazarista, o fim de um momento nebuloso e sombrio que marcou profundamente a história de Portugal. Ela representa a transição entre a escuridão da ditadura e a luz da liberdade recém-conquistada. A escolha desse termo evoca a ideia de um recomeço, o fim da escuridão e o surgimento de novas possibilidades, de um horizonte aberto para a esperança e a renovação social e política. É como se a madrugada anunciasse o nascimento de um novo dia, carregado de promessas e expectativas para a sociedade portuguesa.

Faz-se importante destacar a presença do pronome reto eu, que singulariza o desejo do sujeito lírico – “eu esperava”. Essa escolha linguística reforça o caráter pessoal e íntimo da espera, mostrando que a transformação não é apenas coletiva, mas também profundamente sentida e desejada por cada indivíduo. O sujeito lírico expressa sua expectativa ansiosa e seu anseio por liberdade, evidenciando a dimensão humana e emocional do momento histórico. Essa subjetividade torna a imagem da madrugada ainda mais poderosa, pois traduz a esperança e o alívio sentidos por aqueles que viveram sob o peso da repressão e da censura.

Historicamente, a Revolução dos Cravos ocorreu nas primeiras horas do dia, reforçando a metáfora da madrugada como um marco de esperança e transformação política. Esse evento foi um divisor de águas na história portuguesa, encerrando décadas de ditadura e abrindo caminho para a

democracia. A madrugada, portanto, não é apenas um instante temporal, mas um símbolo carregado de significado: o momento em que a sociedade portuguesa despertou para uma nova realidade, em que a liberdade e os direitos civis passaram a ser valorizados e respeitados.

Desse modo, a madrugada simboliza o início de uma nova era, marcada pela liberdade, pela democracia e pela esperança de um futuro melhor. Ela representa o renascimento de um povo que, após anos de silêncio e medo, encontra a coragem para se expressar e construir uma sociedade mais justa e igualitária. A imagem da madrugada funciona como um convite à reflexão sobre o valor da liberdade e a importância da participação cidadã na construção de um país democrático. Além disso, ressalta a força da esperança como motor de transformação social, mostrando que, mesmo nos momentos mais sombrios, a luz da mudança pode surgir e iluminar o caminho para um amanhã promissor.

Portanto, a escolha da palavra "madrugada" vai muito além de uma simples referência temporal; ela carrega consigo uma carga simbólica profunda, que remete à libertação, à renovação e à esperança. É um símbolo que transcende o contexto histórico específico da Revolução dos Cravos para se tornar um emblema universal da luta pela liberdade e pela justiça social. A madrugada é, assim, o testemunho poético de um momento em que o passado opressor é abandonado, e um futuro promissor começa a despontar no horizonte, iluminando os corações e as mentes daqueles que acreditam na possibilidade de um mundo melhor.

"O dia inicial inteiro e limpo"

Essa imagem poética explicita a crença em um recomeço puro e promissor, expressando a expectativa acumulada durante anos de repressão e censura. O "dia inicial" evoca o marco fundacional de uma nova era democrática portuguesa e "inteiro e limpo" simboliza a esperança de superar os resquícios de opressão, da violência e das desigualdades qualificadores do regime salazarista. Essa perspectiva lírica conecta-se à euforia e ao otimismo que acompanharam o fim

do regime autoritário e o início das negociações para a independência das então colônias africanas portuguesas.

Além disso, essa expressão poética reflete não apenas um momento histórico, mas também uma profunda transformação cultural e social que se fazia necessária após décadas de silêncio e medo. O "dia inicial inteiro e limpo" torna-se, assim, um símbolo universal de renovação, em que cada cidadão pode imaginar um futuro livre das amarras do passado e das injustiças que marcaram a história recente do país. Essa limpeza metafórica sugere a possibilidade de reconstrução dos valores democráticos, da justiça social e do respeito pelos direitos humanos, elementos essenciais para a consolidação de uma sociedade mais democrática, justa e inclusiva.

A emoção contida nessa imagem poética também pode ser entendida como um reflexo da esperança coletiva que emergiu com a Revolução dos Cravos, a qual abriu caminho para a liberdade de expressão, a liberdade política e a participação cidadã. O "dia inicial" representa, portanto, não apenas um marco temporal, mas um convite à ação e à responsabilidade de todos para construir uma nova realidade, em que o passado não seja esquecido, mas sirva de lição para evitar os erros que levaram à opressão.

Por fim, essa visão otimista e lírica do "dia inicial inteiro e limpo" também inspira a reflexão sobre os desafios que ainda estavam por vir. A transição para a democracia e a independência das colônias africanas não foram processos isentos de dificuldades, conflitos e incertezas. No entanto, a crença na possibilidade de um recomeço genuíno e na construção de um futuro melhor manteve viva a chama da esperança e do compromisso com a justiça social, elementos fundamentais para a consolidação das conquistas alcançadas e para o progresso contínuo da sociedade portuguesa e das nações que emergiram desse contexto histórico.

“Onde emergimos da noite e do silêncio”

O verso "Onde emergimos da noite e do silêncio" conota o fim de um ciclo opressivo e o início de um novo tempo de liberdade, tanto em Portugal quanto em suas ex-colônias, em que “noite” representa a ditadura e silêncio refere-se à censura e à repressão política. “Emergimos” sugere um despertar coletivo para a liberdade e o exercício da cidadania, fundamental compreender o movimento poético criado pela alteração dos pronomes retos (eu – nós). É, pois, a expressão de renascimento e de resistência que ressoa em diferentes contextos do mundo de língua oficial portuguesa, demarcando história compartilhada entre metrópole e colônia.

Este despertar simboliza não apenas a superação das trevas políticas, mas também o renascimento cultural e social de povos que foram silenciados por longos períodos. Em Portugal, o fim da ditadura do Estado Novo, com a Revolução dos Cravos em 1974, marcou o início de uma era de democracia e liberdade de expressão, rompendo com décadas de repressão. Paralelamente, nas ex-colônias africanas e brasileiras, esse despertar significou a luta pela independência, pela afirmação da identidade nacional e pela reconstrução de sociedades que buscavam se libertar do jugo colonial e das estruturas autoritárias.

A poderosa metáfora da “noite” evoca o período de escuridão, medo e silêncio imposto por regimes autoritários, quando a luz da liberdade era sufocada pela censura e pelo controle social. O “silêncio”, por sua vez, não é apenas a ausência de som, mas a ausência de voz, de participação e de direitos civis. Emergir desse estado implica recuperar a palavra, a memória e a dignidade. É um processo coletivo que envolve resistência, coragem e esperança, e que se manifesta na arte, na literatura, na política e no cotidiano das pessoas.

Além disso, essa expressão transcende o contexto histórico imediato e se torna um símbolo universal da luta pela liberdade e pela justiça. Em diferentes países lusófonos, a passagem da “noite e do silêncio” para a luz e a voz representa a

conquista de direitos fundamentais, a democratização das instituições e o fortalecimento da cidadania. É uma narrativa que inspira movimentos sociais e políticos contemporâneos, reforçando a importância da memória histórica para a construção de um futuro mais justo e inclusivo.

Portanto, o verso “Onde emergimos da noite e do silêncio” é uma convocação à reflexão sobre os processos de transformação social e política que marcaram o mundo lusófono. Ele nos lembra que a liberdade não é um dado adquirido, mas uma conquista que exige vigilância constante e participação ativa. É um convite para celebrarmos a resistência daqueles que lutaram contra a opressão e para reafirmarmos o compromisso com a democracia, a justiça e a igualdade em nossas sociedades.

“E livres habitamos a substância do tempo”

A “substância do tempo” consiste na História; todavia, a percepção dessa só existe pelas vivências históricas dos seres humanos que, por sua vez, sentem a substância do tempo, isto é, as condições psicossociais de determinados momentos, as quais são fundamentais para entender o peso poético dado a termos como “madrugada”, “dia inteiro e limpo”, “emergimos da noite e do silêncio”. Esses elementos não são meras descrições temporais, mas, sim, símbolos carregados de significado que evocam sensações de renascimento, esperança e transformação.

Novamente, faz-se necessário destacar a alteração do pronome reto *eu* – presente no primeiro verso – para o *nós* oculto em “emergimos” e “habitamos”. Há, portanto, um movimento que sai do particular para o coletivo, simbolizando a transição do indivíduo isolado para a construção de uma nova identidade coletiva arquitetada com o fim do colonialismo e presença da democracia. Esse deslocamento pronominal não é apenas uma questão gramatical, mas um reflexo da mudança social e política que ocorre quando as pessoas se reconhecem como parte de um todo maior, unidas por uma experiência compartilhada e por objetivos comuns. Ou seja, voltar a habitar a substância do

tempo significa voltar a fazer parte da História coletiva construída via democracia, onde a participação ativa e a solidariedade são essenciais para o progresso e a transformação social.

Assim, todas essas imagens estão diretamente ligadas ao momento histórico português e às consequências da revolução para as colônias africanas, que também buscavam autonomia e libertação do domínio colonial.

Portanto, a “substância do tempo” não é apenas uma metáfora poética, mas uma referência concreta à transformação histórica que envolve a passagem do autoritarismo para a democracia, da opressão para a liberdade, do silêncio para a voz ativa do povo. Essa substância é feita de experiências, memórias, lutas e conquistas que moldam o presente e influenciam o futuro. Habitar essa substância implica assumir a responsabilidade de participar ativamente da construção democrática da História, reconhecendo que cada indivíduo é parte de um coletivo maior, cuja força reside na união e na busca por justiça social.

Além disso, a dimensão temporal abordada sugere uma reflexão sobre a passagem do tempo e sua relação com a liberdade. O tempo, enquanto substância, é o espaço no qual as transformações sociais e políticas acontecem, e a liberdade reside na capacidade dos indivíduos e coletivos de se apropriarem desse tempo para construir suas histórias. Essa apropriação é um ato de resistência contra a alienação e o esquecimento, reafirmando a importância da memória histórica para a construção de identidades e projetos de futuro.

Dessa forma, a passagem do “eu” para o “nós” simboliza também a emergência de uma consciência coletiva que valoriza a solidariedade, a participação democrática e o engajamento social. É um convite à reflexão sobre o papel de cada um na transformação do mundo, ressaltando que a liberdade plena só se conquista quando se reconhece a interdependência entre os indivíduos e a importância da ação conjunta para superar desafios comuns.

Por fim, o texto nos convida a pensar que habitar a substância do tempo é um privilégio e uma responsabilidade, pois implica estar consciente do passado, atuante no presente e esperançoso quanto ao futuro. É um chamado para que sejamos protagonistas da História, construindo coletivamente uma realidade

mais justa, livre e humana, haja vista que a memória e a ação se entrelaçam para promover a transformação social e cultural em todas as suas dimensões. Assim, todas essas imagens estão diretamente ligadas ao momento histórico português e às consequências da revolução para as colônias africanas, que também buscavam autonomia e libertação do domínio colonial.

B) (24 PONTOS)

O(A) candidato(a) elabora resposta completa ao retomar os três comandos exigidos na questão: primeiro, articula aspectos do sentimento lírico presente, no poema “25 de Abril”, da autora portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen, com o contexto histórico da narrativa *Bom dia, camaradas*; segundo, apresenta dois exemplos corretos - referenciados objetivamente - retirados do texto narrativo; terceiro, explica de forma coerente e correta os dois exemplos.

O contexto da Revolução dos Cravos, ocorrida em Portugal em 1974, não apenas marcou o fim de uma ditadura longa e opressiva, mas também desencadeou um processo de descolonização que impactou profundamente as relações entre Portugal e suas colônias africanas. Essas nações, inspiradas pelo espírito de liberdade e autodeterminação, intensificaram suas lutas por independência, aproveitando o momento de fragilidade do poder colonial para reivindicar seus direitos e estabelecer novos caminhos políticos, sociais e culturais. A Revolução dos Cravos, portanto, não foi apenas um evento local, mas um marco histórico com repercussões globais, simbolizando a vitória da democracia e da liberdade sobre a repressão e a tirania.

Em relação ao contexto histórico de *Bom dia, camaradas*, o(a) candidato(a) deve mostrar capacidade de articulação entre a ditadura portuguesa, as independências das colônias africanas de língua oficial portuguesa, em especial, a de Angola, em 11 de novembro de 1975, proclamada pelo líder do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), Agostinho Neto. A independência angolana acontece após 14 anos de guerra contra o poder colonial português valorizado pela ditadura salazarista. Por sua vez, ao abordar a guerra civil, deve-se retomar dados de ordem global e regional que, por exemplo, ocasionam a

presença soviética em Angola, como demarcado no romance. Essa presença estrangeira reflete as complexidades da Guerra Fria, em que as potências mundiais disputavam influência em territórios estratégicos, usando os conflitos locais como campo de batalha indireto para suas ideologias.

A questão explicitamente traz o termo “evidências textuais”, portanto, o(a) candidato(a) deve apresentar dados objetivos do texto, como, por exemplo, o nome correto das personagens aliada à interpretação exata do aspecto simbólico de cada uma ou o espaço da escola devidamente analisado. A resposta não pode possuir caráter puramente descritivo, visto que o(a) candidato(a) deve relacionar dados históricos articulados com o sentimento lírico presente no poema e aspectos da narrativa, contemplando a dimensão simbólica das categorias narrativas, revelando como elas constroem literariamente as tensões sociais e políticas do período, em construção textual marcada pela coesão e coerência, elementos que reforçam a qualidade da redação, bem como ortografia clara.

Feito esses esclarecimentos, demarca-se que o poema “25 de Abril”, de Sophia de Mello Breyner Andresen, celebra a Revolução dos Cravos, movimento militar e popular que aconteceu em Portugal, no dia 25 de abril de 1974, pondo fim à ditadura salazarista e instaurando a democracia no país, além de conceder o início do processo de descolonização das colônias africanas. Dessa forma, tornou-se um marco histórico de profunda transformação e sua repercussão foi retratada em uma vasta gama de textos que atuam como registros vivos e dinâmicos dos desdobramentos desse evento crucial ocorrido em abril de 1974, assim como exemplificado no poema de Sophia Mello Breyner Andresen. O poema não apenas exalta a vitória política, mas também traduz o sentimento coletivo de esperança, renovação e liberdade que tomou conta do povo português e dos povos colonizados, refletindo a dimensão humana e emocional do acontecimento.

O verso "emergimos da noite e do silêncio" alude à ruptura com a repressão, conforme discutido. De forma semelhante, em *Bom dia, camaradas*, de Ondjaki, retrata um momento de transição, em que a sociedade angolana busca se

desvencilhar das marcas deixadas pela colonização à medida que busca outro modelo político e econômico próximo de Cuba e da União Soviética, o que, por sua vez, garante a presença dos soviéticos no universo narrativo da obra angolana. O ideário anticapitalista se faz textualmente presente no termo “camarada”, que intitulou a obra.

Essa palavra carrega uma carga ideológica significativa, remetendo à solidariedade entre os membros do partido comunista e à luta por um projeto socialista, perspectivas que moldam as relações sociais e políticas no cenário pós-independência. Após a independência em 1975, Angola estabeleceu um regime marxista-leninista liderado pelo Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). O país adotou um sistema político de partido único, alinhado com o bloco socialista, em particular, União Soviética e Cuba. Essa escolha política influenciou profundamente a organização social, econômica e cultural do país, gerando tanto avanços quanto desafios no processo de construção nacional, como a implementação de políticas públicas e a repressão a opositores políticos.

Apesar do sentimento de liberdade e de esperança, consoante com o poema da autora portuguesa, o escritor angolano evidencia os desafios enfrentados após a independência angolana, em 11 de novembro de 1975, como as contradições do regime socialista e as tensões sociais. A obra traz uma visão que mescla a celebração da independência com reflexão sobre os problemas que emergem no contexto pós-colonial, como as cicatrizes deixadas pelo regime colonial, tanto de ordem estrutural, quanto psíquica. A colonização da consciência dificulta a construção de uma identidade nacional autônoma e a superação das desigualdades históricas, colocando em evidência a complexidade do processo de libertação.

Nesse sentido, pode-se retomar a personagem António, uma vez que simboliza a ambivalência sobre o colonialismo, pois expressa saudosismo pela ordem e pelos recursos disponíveis durante o período colonial, mas também convive com as promessas e contradições do pós-independência. Essa dualidade reflete o processo de adaptação a uma liberdade que, embora idealizada, traz desafios

concretos, como a reconstrução do país e o enfrentamento das desigualdades. António representa, assim, o dilema de muitos cidadãos que vivem a transição entre um passado opressor e um futuro incerto, evidenciando as complexidades da memória histórica e da identidade. No poema de Sophia, o verso "livres habitamos a substância do tempo" reflete o sentimento de emancipação e a possibilidade de reconstrução de uma sociedade livre; todavia, o tom crítico qualifica a narrativa de *Bom dia*, *camaradas*, mostrando que a liberdade conquistada não é absoluta e ainda está permeada por desafios internos e externos.

Nesse cenário, a tia Dada funciona como símbolo da transição, representando a conexão entre Portugal e Angola. Tia Dada carrega as marcas de um passado colonial, mas também evidencia as diferenças na vivência da liberdade em ambas as realidades pelos modelos políticos e econômicos adotados em Portugal e em Angola. Após a revolução, Portugal estabeleceu um regime democrático, garantindo direitos fundamentais e instituiu o sistema parlamentarista semipresencial. Em contrapartida, Angola enfrentava um processo turbulento de consolidação do poder socialista, com a imposição de um regime de partido único e a influência direta das potências estrangeiras, o que gerava tensões internas e externas.

A valorização da educação e o reconhecimento do papel dos professores cubanos, no desenvolvimento da Angola recém-independente, surgem como dados fundamentais para a construção de um sentimento político e civil independente e participativo. A dimensão educativa reforça a esperança de transformação social e a construção de uma identidade nacional sólida, capaz de enfrentar os desafios herdados do passado colonial.

Nesses movimentos ambivalentes, o narrador adolescente Ndalu representa as contradições da realidade angolana, visto que oscila como entre a esperança de um futuro melhor, pois nasce no ano da independência com a realidade crítica construída no contexto da guerra civil angolana e os problemas da guerra civil. Essa dualidade no olhar do protagonista expressa a complexidade do momento histórico, em que o otimismo da liberdade se confronta com as dificuldades

concretas da reconstrução nacional e os conflitos internos que ameaçam a estabilidade do país.

Outro aspecto relevante da obra é a representação do espaço escolar como um microcosmo da sociedade angolana, em que se refletem as tensões políticas, sociais e culturais do país. A escola é o local onde as novas gerações são formadas e onde se processam as disputas ideológicas, fazendo dela um cenário privilegiado para a análise das contradições do período. A narrativa mostra como o ambiente escolar é permeado por influências externas e internas, que moldam a visão de mundo dos personagens e o futuro da nação.

No poema “25 de Abril”, a linguagem poética de Sophia de Mello Breyner Andresen evoca imagens de renovação e libertação, utilizando metáforas que reforçam a ideia de um despertar coletivo para a democracia e a justiça social. A autora capta o espírito de um povo que, após anos de silêncio e opressão, finalmente encontra voz e esperança para construir um futuro diferente. Essa dimensão lírica dialoga diretamente com a narrativa de Ondjaki, que, embora situada em um contexto diferente, compartilha a mesma busca por liberdade e justiça.

Por fim, a análise crítica da obra e do poema deve considerar o papel da memória histórica na construção das identidades nacionais e na compreensão dos processos de libertação. Tanto o poema quanto a narrativa evidenciam que a liberdade conquistada não é um ponto final, mas um processo contínuo que exige reflexão, resistência e participação ativa dos cidadãos. Essa perspectiva amplia a compreensão sobre os desafios enfrentados por Portugal e Angola após a Revolução dos Cravos e a independência, mostrando que a história é feita de lutas, conquistas e de contradições para “habitarmos a substância do tempo”.

Assim, a resposta completa e bem articulada deve integrar os elementos históricos, literários e simbólicos presentes nos textos, demonstrando a capacidade do(a) candidato(a) de interpretar criticamente as obras e estabelecer conexões significativas entre elas e o contexto histórico. A clareza na exposição das ideias, o uso adequado das evidências textuais e a profundidade da análise são fundamentais para a excelência da redação, que deve refletir não apenas o

conhecimento factual, mas também a sensibilidade para as nuances culturais e políticas dos textos estudados.

QUESTÃO 2

A) (16 PONTOS)

O(A) candidato(a) elabora texto dissertativo completo ao retomar os dois comandos exigidos na questão: primeiro, explorar os dois trechos; segundo, demonstrar capacidade crítico-interpretativa para exemplificar quais as estruturas opressivas presentes nos fragmentos, a desigualdade de gênero (especialmente a desigualdade econômica e jurídica entre homens e mulheres), a discriminação racial, a exclusão social e a falta de empatia social no texto 2. A construção textual destaca-se pela coesão e coerência, elementos que reforçam a qualidade da redação.

Em vista disso, no espaço da favela, Carolina Maria de Jesus e os filhos enfrentavam o fantasma da fome, da pobreza e da dificuldade de manter a dignidade em meio à miséria. A escrita e a repercussão dos livros permitiram a melhoria das condições de vida de Carolina Maria de Jesus; entretanto, os seus diários continuam a denunciar mazelas da sociedade, pois, ao sair da favela, outras estruturas opressivas presentes em nossa sociedade passaram a afetar ainda mais a sua vida. Desse modo, mesmo não sendo mais moradora da favela, a autora continua sendo uma mulher negra, o que a faz ser subalternizada pelas identidades hegemônicas.

Assim, no texto 1, a fala do filho de Carolina revela uma preocupação com o dinheiro e os direitos autorais dos livros, sugerindo uma tensão familiar e uma visão patriarcal que coloca o homem como detentor de direitos, mesmo que a autora seja a criadora das obras. Ou seja, o machismo que inferioriza a posição da mulher está presente na estrutura familiar de Carolina e representa uma ameaça à sua tão estimada liberdade. A referência ao "Código Civil" e à lei que garantem direitos ao homem destaca a persistência do patriarcado e das desigualdades de gênero que afetam Carolina Maria de Jesus. Um dado

biográfico sobre Carolina Maria de Jesus é que a escritora nunca se casou para preservar sua autonomia, conforme aponta ao longo do diário. O trecho exemplifica justamente os significados do casamento para uma mulher e isso evidencia como as estruturas opressivas de gênero continuam a afetá-la, mesmo após sua ascensão social.

No trecho 2, há a descrição do desconforto que sente ao estar entre pessoas brancas da alta sociedade, destacando a discriminação racial e a falta de empatia dessas pessoas com suas experiências de vida, como a fome. O preconceito racial e social é evidente na forma como Carolina percebe a aversão das damas da alta sociedade à sua presença e na hipocrisia que ela observa nesse meio. Isso mostra como o racismo e a exclusão social persistem, mesmo que ela tenha deixado a favela. Outro ponto a ser mencionado, em relação ao segundo trecho, é a decepção da escritora com a sociedade, pois as convenções sociais lhe causam um forte desconforto. A hipocrisia da classe mais favorecida, designada como “fingimento” a deixam desolada.

Portanto, os dois trechos ilustram como, na sociedade brasileira dos anos sessenta, uma mulher negra — mesmo ascendendo socialmente — continuava a enfrentar a marginalização, sendo excluída tanto pela classe quanto pela raça, mesmo após deixar a favela.

B) (24 PONTOS)

O(A) candidato(a) elabora texto dissertativo completo ao retomar os três comandos exigidos na questão: primeiro, a presença de obra literária reconhecível; segundo uma abordagem consistente que demonstre capacidade crítico-interpretativa; terceiro, a exemplificação de dois aspectos que evidenciem as estruturas opressivas expostas na obra escolhida pelo(a) candidato(a), também presentes em *Casa de Alvenaria,* de Carolina Maria de Jesus.

A apresentação de obra literária pelo(a) candidato(a), no item B, **deve ser reconhecível, conter o nome do texto literário, autoria e a respectiva explicação**, com integração de ideias expostas de forma lógica e harmônica.

Discos e obras audiovisuais serão considerados fugas ao comando, uma vez que este explicita “obra literária”.

Em vista disso, por consistentemente, estabelece-se que a resposta dissertativa deve possuir argumentos claros e fundamentados, indicando linha argumentativa uniforme e bem articulada. Isso significa que o(a) candidato(a) expõe as ideias de maneira coesa, sem apresentar lacunas ou contradições, reforçando os pontos que sustentam a escolha da obra literária citada, demonstrando repertório de leitura aliado à capacidade de aprofundamento crítico e diálogo temático entre obras. Além disso, a coerência interna do texto é fundamental para garantir que o leitor compreenda a intenção do(a) candidato(a), criando uma reflexão fluida que conecta as análises literárias com as evidências extraídas das obras mencionadas.

Nesse sentido, em *Casa de Alvenaria*, as estruturas hegemônicas de poder (desigualdades de gênero e raça; as influências da organização econômica) desempenham papel crucial no universo do diário à medida que evidenciam que a literatura não só retrata a realidade, mas também a questiona e a transforma, funcionando como um instrumento de crítica social e de reflexão sobre o ambiente em que está inserida.

A obra de Carolina Maria de Jesus, selecionada como leitura obrigatória, revela que o acesso ao espaço da elite não garante pertencimento nem igualdade, pois as estruturas de exclusão permanecem e se atualizam. Essa dinâmica complexa entre inclusão superficial e exclusão estrutural é um ponto central para a compreensão das tensões sociais presentes na narrativa, mostrando como o poder e a desigualdade se manifestam de forma sutil e persistente na vida dos personagens.

Por meio dessa perspectiva clara, espera-se que o(a) candidato(a) indique e justifique uma obra literária que possibilite um diálogo com o texto da autora brasileira. Exemplos **possíveis** que o(a) candidato(a) pode articular em sua resposta: *O Cortiço*, de Aluízio de Azevedo; *Avesso da pele* e *Estela sem Deus*, de Jeferson Tenório; *Torto arado*, de Itamar Vieira Júnior; *Água funda*, de Ruth Guimarães; *Becos da memória*, de Conceição Evaristo, entre outras obras da

autora; *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis; a produção de Lima Barreto; *Vidas secas*, de Graciliano Ramos; Paulina Chiziane, com *Balada do amor ao vento*, entre outras; *Terra Negra*, de Cristiane Sobral. Cada uma dessas obras, à sua maneira, aborda as estruturas opressivas que permeiam a sociedade brasileira, seja por meio da representação das desigualdades sociais, do racismo institucionalizado, do machismo ou das condições econômicas adversas. Assim, o diálogo entre essas obras e *Casa de Alvenaria* permite uma análise mais aprofundada das múltiplas camadas de opressão e resistência presentes na literatura contemporânea e clássica, ampliando o horizonte interpretativo do(a) candidato(a).

A construção textual destaca-se pela coesão e coerência, elementos que reforçam a qualidade da redação. A coesão textual é assegurada pela utilização adequada de conectivos, pela organização lógica dos parágrafos e pela manutenção do foco temático ao longo do texto. Já a coerência é garantida pela consistência dos argumentos apresentados, pela clareza na exposição das ideias e pela pertinência das referências literárias em relação ao tema proposto. Dessa forma, a redação se apresenta como um texto estruturado por meio de uma argumentação sólida e fundamentada, respeitando as normas da língua portuguesa e os critérios exigidos pela banca examinadora.

Para que o(a) candidato(a) alcance a excelência na resposta, é fundamental que ele(a) demonstre domínio não apenas do conteúdo literário, mas também das habilidades discursivas necessárias para articular suas ideias de forma clara e persuasiva. Isso inclui a capacidade de relacionar, bem como a habilidade de interpretar criticamente as representações sociais e culturais presentes nos textos. Além disso, a reflexão sobre as implicações sociais das estruturas opressivas abordadas nas obras contribui para enriquecer a análise, mostrando um olhar atento às questões contemporâneas e históricas que influenciam a produção literária.

Outro aspecto relevante é a importância do contexto histórico e social em que as obras foram produzidas, pois ele influencia diretamente as temáticas abordadas e a forma como os personagens são construídos. Por exemplo, em *O Cortiço*,

de Aluízio de Azevedo, o ambiente urbano do Rio de Janeiro do século XIX é palco para a exposição das desigualdades sociais e raciais, refletindo as tensões da época. Já em *Torto Arado*, Itamar Vieira Júnior retrata a vida no campo brasileiro, abordando a exploração da terra e a resistência das comunidades quilombolas, mostrando a persistência das estruturas opressivas em diferentes contextos temporais e espaciais.

Além disso, as obras mencionadas destacam a importância da literatura como ferramenta de denúncia e transformação social. Elas não apenas refletem a realidade, mas também propõem uma crítica incisiva às injustiças, estimulando a reflexão crítica do leitor e incentivando a busca por mudanças sociais. Essa função da literatura é essencial para compreender o papel do escritor como um agente social, que utiliza sua produção para questionar e desafiar as estruturas estabelecidas, promovendo a conscientização e o engajamento político-cultural.

Por fim, ressalta-se que a elaboração de um texto dissertativo-argumentativo que atende aos critérios da banca exige do(a) candidato(a) uma postura crítica, reflexiva e analítica, capaz de articular teoria e prática literária. A escolha da obra deve ser estratégica, permitindo uma abordagem que evidencie as estruturas opressivas de forma clara e fundamentada, estabelecendo conexões pertinentes com *Casa de Alvenaria*.

O desenvolvimento do texto deve seguir uma sequência lógica, com introdução que apresenta o tema e a tese, desenvolvimento que aprofunda os argumentos e exemplificações, e conclusão que retoma as ideias principais e reforça a posição defendida. Assim, o(a) candidato(a) demonstra não só conhecimento literário, mas também competência discursiva, essencial para a excelência na redação.